

CULTURA

LIVROS

# Em nome do Deus América

Biografia de Nelson Rockefeller mostra suas relações com a CIA e com massacre de índios no Brasil

Gonçalo Júnior  
de São Paulo

Nelson Rockefeller (1908-1979) considerava-se um predestinado numa família de visionários. Seu avô, John, fizera fortuna no ramo de petróleo, após conquistar o Oeste americano a ferro e fogo, no final do século passado. Nelson tomou para si uma conquista semelhante: a Amazônia. Durante quatro décadas — de 40 a 70 —, ele dividiu a obsessão pela presidência dos Estados Unidos com a fúria predadora de fazer da maior floresta do mundo extensão de seu império — de onde pretendia arrancar petróleo e explorar grandes jazidas minerais. Como no caso do seu avô, havia também um inimigo em seu caminho — os índios. Os céus, no entanto, fizeram com que cruzasse seu caminho um outro americano não menos ambicioso: William Cameron Townsend, líder protestante, disposto a livrar os índios de todo o mundo de seus rituais pagãos.

O radicalismo ideológico da época, no entanto, fez com que os dois se unissem para impedir a implantação do comunismo na América Latina e no sudeste asiático. A ajuda dos Estados Unidos. E é a saga desses dois homens o tema das 1.060 páginas de "Seja Feita a Vossa Vontade — A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo", de Gerard Colby e Charlotte Dennett, lançado no Brasil.

Apoiados em 18 anos de pesquisas, centenas de entrevistas e consultas a documentos inéditos, os dois jornalistas americanos fizeram uma corrosiva radiografia dos métodos selvagens utilizados pelos Estados Unidos para impor sua política neocolonialista. O livro interessa principalmente aos brasileiros, por contar uma história ainda pouco estudada: como membros dos Tradutores da Bíblia Wycliffe — conhecido também como Instituto Summer de Linguística (SIL) — colaboraram com a Agência de Inteligência Americana (CIA) e com empresas americanas, fornecendo-lhes informações sobre a riqueza mineral da Amazônia e para combater o comunismo.

O projeto de exploração da "últi-

ma fronteira" humana tinha à frente a megalomania de Rockefeller. Para se ter uma idéia de seus propósitos, ele pretendia inundar áreas ao redor da bacia para melhorar as hidrovias na América do Sul — facilitando o acesso aos campos petrolíferos da Venezuela. A idéia foi ampliada depois e previa a criação de cinco lagos artificiais para eliminar os pântanos e corredeiras que bloqueavam o trânsito dos recursos minerais recém-descobertos.

Colby e Dennett mostram a cumplicidade e a tolerância dos governos de Castelo Branco e Costa e Silva em relação às operações clandestinas da CIA, dos missionários e de empresas americanas na Amazônia brasileira. Segundo os autores, os militares permitiram o uso do subsolo por empresas estrangeiras como forma de obter divisas em moedas fortes para tocar um regime sufocado pela inflação. Tudo foi mantido sob sigilo até 1967, quando vazaram informações de que os EUA estavam fazendo um mapeamento não-autorizado sobre o ouro na Amazônia e em Minas Gerais.

A maioria dessas operações estava relacionada ao nome de Rockefeller. Sua influência política na América Latina era proporcional à riqueza que construiu na região. Em 1969, sua família controlava as ações de mais de 100 empresas

brasileiras e um dos maiores bancos comerciais, Lar Brasileiro S.A. Sua empresa, Sasa, era responsável por 45% de todas as sementes híbridas plantadas no país. Através da Rockefeller Brothers Inc. na Chrysler tinha uma fatia de uma das maiores fábricas de carro do Brasil. Sua fazenda Bodoquena tornara-se uma das maiores processadoras de carne do Brasil e do mundo. Isso tudo atrelava o futuro do Brasil a Rockefeller.

A partir de um suposto programa de filantropia, o empresário — de formação batista rígida — conseguiu o engajamento dos missionários em seu projeto. Townsend acreditava que poderia converter ao cristianismo cerca de 20 milhões de índios de mil tribos pagãs latino-americanas. Como seu plano na região só seria possível por avião, não demorou para que começasse a atrelar suas missões a favores governamentais. Com a Guerra Fria, o pas-



Viagem de Rockefeller ao Rio de Janeiro em 1969



Lyndon Johnson e Rockefeller uma semana após a morte de Kennedy

tor passou a difundir a idéia de que o único antídoto contra o comunismo, além da intervenção armada dos EUA, era a palavra de Cristo. Com o tempo, sua função principal passou a ser prestar serviços a ditaduras militares latino-americanas e a governo civis aliados de Rockefeller para pacificar as tribos indígenas, integrando-as às economias de seus países. Seu princípio básico era obedecer ao governo, porque todo poder emana de Deus.

O mais grave, porém, era o envolvimento de Townsend com a CIA no combate às guerrilhas de esquerda no continente. Ficou provada a estreita ligação entre ele e o ditador

boliviano Hugo Banzer, um dos mais violentos do continente. Townsend também se envolveu na caça aos participantes do grupo Túpac Amaru, em 1966, quando aviões da Força Aérea peruana jogaram sobre centenas de índios uma geléia inflamável conhecida como napalm, fabricada pela Standard Oil, de Rockefeller. Ficou constatado que a localização dos campos só foi possível com a ajuda dos missionários voadores de Townsend.

No Brasil, os missionários fizeram uma demarcação minuciosa que resultou num livro em inglês com um mapa de orientação para a penetração americana no interior do Bra-

sil. Os generais brasileiros tinham suas próprias razões para apoiar a localização das tribos: a CIA tinha informações sobre o fluxo de armas ao longo do Amazonas e de seus afluentes para as guerrilhas do outro lado da fronteira.

As investidas dos americanos começaram a preocupar empresários e políticos brasileiros. Em 1965, o governo do Amazonas denunciou como ameaça à soberania nacional a proposta da Academia Nacional de Ciência dos EUA para a criação de centros de pesquisa para estudar a exploração da floresta. Os centros teriam apenas americanos, em vez da administração binacional. A missão declarada de pesquisar remédios na Amazônia provou ser a fachada ideal para uma série de operações clandestinas na região. Ao mesmo tempo, havia um escândalo crescente da Amazônia, para onde empresas estrangeiras se mudavam a uma velocidade sem precedentes em terras onde habitavam dezenas das mais importantes tribos indígenas do país — catequizadas por Townsend.

O escândalo responsabilizando o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) pelo extermínio de índios na Amazônia veio a público em 1966, quando uma revista inglesa de antropologia denunciou genocídio dos cintas-largas, em 1963, por causa da descoberta de cassiterita em suas terras, durante a construção do trecho da Transamazônica, no Mato Grosso. A tribo foi dinamitada por ataque aéreo. O massacre nunca teria vindo a público se um padre não tivesse convencido um dos assassinos a gravar a confissão. O artigo também descrevia o genocídio dos beijos-de-pau, que consumiram alimentos — presenteados — contaminados de arsênico e formicidas.

Albuquerque Lima, ministro do Interior, determinou uma investigação sobre as denúncias contra o SPI. Ficou constatado que, desde 1958, quando os militares assumiram o SPI, US\$ 62 milhões em propriedades indígenas tinham sido roubados. Dos 150 mil índios brasileiros estimados em 1957, apenas um terço sobrevivia dez anos depois. Os nambikuaras tinham sido dizimados por metralhadoras; os pataxós, inoculados com varíola, pensando que estavam sendo vacinados; os canelas, massacrados por jagunços; os maxa-

kalis, embedados e executados.

O SPI foi responsabilizado também por ter delegado aos missionários — muitos deles fundamentalistas americanos sem a menor simpatia pela religião nativa — a pacificação e os serviços que eram de sua responsabilidade. Nenhum questionamento foi feito sobre o fato de que nove das tribos dizimadas tinham sido "ocupadas" pelos missionários de Townsend. Os acusados jamais foram condenados.

No final dos anos 60, porém, crescia a antipatia popular diante de sua ganância pelo poder. Em 1969, depois de vaiado em vários países latino-americanos durante visita oficial, Nelson voltou defendendo a tolerância do governo americano com as ditaduras militares no continente. Mais que isso, queria intensificar a militarização nesses países. Em um ano, o número de policiais brasileiros treinados em Washington bateu o recorde desde a Segunda Guerra.

Rockefeller não mudou a geografia da Amazônia como queria, mas chegou próximo. Reinou absoluto na região até sua morte, em 1979. Em 1980, Townsend convenceu os

**Dos 150 mil índios em 1957, apenas um terço sobrevivia dez anos depois**

militares de que seus missionários não eram mais uma ameaça à segurança nacional e voltou para a Amazônia. No Equador, o presidente Jaime Roldos morreu num desastre aéreo dois dias

depois de determinar a expulsão dos homens de Townsend. O mesmo aconteceu com o general Omar Torrijos, do Panamá. Townsend morreu em 1982. Uma década e meia depois, a presença de seus seguidores ainda é forte no Brasil. Mas não é a única voz dos índios. E o legado de Nelson Rockefeller na conquista da floresta sobrevive como o "holocausto em nome da soberania nacional e do descaço do poder".

O livro de Colby e Dennett tem o impacto de "Enterrem Meu Coração Na Curva do Rio", do escritor americano Dee Brown, que relatou o extermínio das tribos indígenas pelo Exército americano durante a conquista do Oeste. "Seja Feita a Vossa Vontade" é uma leitura obrigatória. Funciona como um tributo à memória dos índios brasileiros. E uma oportunidade para creditar a responsabilidade da carnificina àqueles que submeteram o país a 21 anos de ditadura militar. Um ônus, aliás, que muitos haviam esquecido.